

# FORTALEZAS E POTENCIALIDADES DE ATIVIDADES EXTENSIONISTAS: PERCEPÇÕES DE PROFESSORAS DE CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

## STRENGTHS AND POTENTIALS OF EXTENSIONIST ACTIVITIES: PERCEPTIONS OF TEACHERS WORKING IN A CHILDREN'S EDUCATION CENTER

Submissão:  
20/03/2024  
Aceite:  
05/08/2024

Lucimar Aparecida Britto Codato<sup>1</sup>  <https://orcid.org/0009-0006-8882-3141>

Giovana Cunha Steca<sup>2</sup>  <https://orcid.org/0009-0005-6763-1637>

Lucas Fernando de Oliveira Tomaz Ferraresso<sup>3</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-2225-9262>

### RESUMO

Ações extensionistas (AE) compartilham o ensino-aprendizagem entre a comunidade e a Universidade. Constroem diálogos e provocam transformações resolutivas e incluídas. Este estudo objetivou conhecer percepções de professoras atuantes em um Centro de Educação Infantil (CEI) sobre fortalezas e potencialidades das AE realizadas nessa instituição. Os dados foram coletados mediante entrevistas abertas, gravadas e transcritas com quatorze professoras, após aprovação do projeto de pesquisa “Percepções de professoras de Centro de Educação Infantil sobre atividades extensionistas” pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE 67725123.3.0000.5231). Constatou-se que uma comunicação inteligível durante as AE é fundamental para a assimilação dos conteúdos pelas crianças. Quando elas compreendem aspectos relacionados ao autocuidado, podem promover saúde em seus núcleos familiares. O planejamento conjunto das AE é indispensável para o conhecimento das necessidades da escola. As AE foram consideradas instrumentos sinérgicos às atividades desenvolvidas pelo CEI e importantes para a formação dos discentes, desde que haja abertura para o ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** pesquisa qualitativa; educação infantil; integração social; educação em saúde; ensino superior.

<sup>1</sup>Professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL) [lucimarcodato@uel.br](mailto:lucimarcodato@uel.br)

<sup>2</sup>Aluna de graduação da Universidade Estadual de Londrina (UEL) [giovana.cunha.steca@uel.br](mailto:giovana.cunha.steca@uel.br).

<sup>3</sup>Aluno de Mestrado da Universidade Estadual Paulista de Araraquara. (UNESP) [luкас.ferraresso@unesp.br](mailto:luкас.ferraresso@unesp.br).

## ABSTRACT

University outreach actions (UOA) share teaching-learning between community and University. They build dialogues and provoke decisive and inclusive transformations. This study aimed to understand the perceptions of teachers working in a Children's Education Center (CEC) about strengths and potential of UOA carried out in that institution. Data were collected through open, recorded and transcribed interviews with fourteen teachers, after approval of the research project "Perceptions of teachers working in a Children's Education Center on university outreach activities" by the Research Ethics Committee (CAAE 67725123.3.0000.5231). We found out that intelligible communication during UOA is fundamental for the assimilation of content by children. When the children understand aspects related to self-care, they can promote health in their families. Joint planning of the UOA is essential to understand the school's needs. The UOA were considered synergistic instruments for the activities developed by the CEC and important for the students' training, as long as the ones involved are open to teaching and learning.

**Keywords:** qualitative research; child education; social integration; health education; higher education.

## INTRODUÇÃO

Espera-se que Instituições de Ensino Superior (IES) disponibilizem formação integral e coerente com os reais problemas sociais por meio da articulação entre ensino, pesquisa e extensão (Ferrareso; Codato, 2021a; Santana et al., 2021). Essa desafiadora e complexa missão requer o desenvolvimento de ideias, estratégias e ações em espaços intra e extramuros. Desta forma, fica evidente que os projetos pedagógicos dos cursos de graduação devem contemplar propostas que favoreçam o desenvolvimento e o alcance desses objetivos. Porém, a efetividade das ações também depende do envolvimento e dedicação dos docentes para identificação e proposição de ações condizentes com as demandas.

A Extensão Universitária (EU) potencializa a relação transformadora entre universidade e sociedade. Caracteriza-se como uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará na sociedade a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento científico (FORPROEX, 2012). É uma via que permite e fortalece a relação com a população e possibilita articular diálogos construtivos, compartilhar conhecimentos e vivências, atuação sinérgica com a população e propiciar respostas positivas a diferentes demandas e realidades sociais (Rios; Sousa; Caputo, 2019; Santana et al., 2021).

Logo, as ações extensionistas (AE) representam relevantes instrumentos que favorecem benefícios para todos os envolvidos. Para a comunidade, as AE viabilizam melhorias na qualidade de vida, bem-estar e fortalecem a autonomia dos indivíduos. Para os estudantes, são oportunidades para desenvolverem estratégias transformadoras do meio em que estão inseridos. Desta forma, o ensinar e aprender são pontos interdependentes e devem atuar pautados em pilares éticos, culturais e amorosos

vinculados às demandas existentes, no compartilhamento de saberes e intercâmbio de experiências (Dos Santos, 2012; Ferraresso; Codato, 2021b).

O contato direto entre os estudantes e os diferentes contextos sociais é viabilizado por meio das AE, as quais permitem a criação de vínculo entre a Universidade e comunidade. Nesse contexto, a Integração Ensino Serviço Comunidade (IESC) se apresenta como cenário estratégico para a realização de trabalhos coletivos e aplicação prática dos saberes. É esse trabalho intersetorial que possibilita a geração de mudanças sociais, as produções coletivas de conhecimento e o desenvolvimento de competências e habilidades. Ainda que a formulação e implementação da IESC seja desafiadora, muitas vezes dependente da articulação entre ensino superior e sistema de saúde, idealmente deve ser orientada pela percepção dos diferentes sujeitos que a vivenciam (Forte et al., 2020; Silveira et al., 2020).

Por serem um dos pilares da tríade ensino-pesquisa-extensão, as AE, quando articuladas junto à sociedade, permitem que discentes e docentes desenvolvam competências, habilidades e comportamentos críticos-reflexivos (Santana et al., 2021). Favorecem o desenvolvimento de saberes e atitudes que ampliam e complementam os aprendizados intramuros, tais como escuta ativa, atendimento humanizado, adaptação da linguagem, responsabilidade, tomadas de decisões, organização e planejamento, a partir do que é necessário para a população. As AE promovem a ampliação do olhar e da compreensão da realidade, visando à proposição de ações que contribuam para melhorias na qualidade de vida da população. Dessa forma, essas atividades, quando planejadas segundo a demanda da sociedade, podem permitir uma aproximação transformadora, resolutiva e incluyente (Ferraresso; Codato, 2021a).

As necessidades e as realidades da comunidade são ou deveriam ser os eixos norteadores dessas ações e dos processos de trocas que as envolvem. Nelas, o ensinar e o aprender são possibilidades abertas para todos os integrantes das AE. Os objetivos de cada ação favorecem a busca ativa de novos conhecimentos e também à aplicação da teoria à prática. As interações que acontecem durante a execução dessas ações favorecem o compartilhamento e a apropriação de novos saberes, o que possibilita que todos os envolvidos ampliem e apliquem seus conhecimentos. Assim, as AE permitem diferentes vivências, que levam a experiências de trabalho em equipe, associando teoria e prática (Musselin et al., 2020).

Este trabalho objetiva descrever percepções de professoras atuantes em um Centro de Educação Infantil (CEI) da cidade de Londrina-PR sobre as fortalezas e potencialidades das AE desenvolvidas nesses espaços.

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa (CAAE parecer nº 67725123.3.0000.5231), intrínseco ao projeto de pesquisa intitulado “Percepções de professoras de Centro de Educação Infantil sobre atividades extensionistas” da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e realizado com quatorze professoras que atuam em um CEI localizado em uma região de risco social. Optou-se por esse tipo de abordagem considerando que a pesquisa qualitativa trabalha com um universo de significados, motivos, valores e atitudes, correspondente a um espaço profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, como em pesquisas quantitativas (Minayo, 2014).

As AE foram realizadas no CEI a partir do projeto de extensão “Ações de Educação em Saúde

em Centros de Educação Infantil (CEI)”, do curso de Odontologia da Universidade Estadual de Londrina. Neste projeto, os temas e objetivos de cada ação são definidos no começo de cada semestre, por meio de reunião entre as diretoras dos CEI e a coordenadora da proposta, buscando-se contemplar as necessidades do CEI. Os discentes e docentes integrantes do projeto realizam reuniões mensais para o planejamento conjunto de cada ação que será desenvolvida e, posteriormente, executam as ações planejadas nos espaços físicos dos CEI, sempre a partir da realidade e demandas apresentadas.

As AE foram destinadas às crianças de 2 a 5 anos e tinham como objetivo a partilha de conhecimentos de forma educativa e prática, a fim de conscientizar e despertar nas crianças a adoção de boas práticas de autocuidado. Através dessas AE, foram apresentados conteúdos didáticos, lúdicos e motivacionais sobre alimentação saudável, prevenção de doenças, o papel fundamental da higienização bucal e a correta técnica de escovação.

O instrumento para coleta de dados desta pesquisa foi uma entrevista aberta, realizada com as professoras do Centro de Educação Infantil, e semiestruturada por um roteiro formado por quatro questões norteadoras, as quais foram pontuadas durante a entrevista. As professoras foram convidadas a falar abertamente sobre o tema proposto, e o público-alvo da pesquisa foi composto por elas devido ao seu maior convívio com as crianças, o que permitiu o acompanhamento do seu desenvolvimento e a existência de diferentes percepções do papel das AE. Não houve o emprego de critérios específicos para o convite das participantes da pesquisa.

A entrevista aberta é um meio de interação social entre duas pessoas que permite ao entrevistador compreender as percepções e também obter de informações do entrevistado (Haguette, 2003). Favorece a compreensão detalhada de fenômenos relacionados aos comportamentos das pessoas, como crenças, atitudes, valores e motivações. As questões norteadoras da entrevista atuam como um convite, permitindo que o entrevistado fale longamente, com as próprias palavras e com tempo para reflexão (Bauer; Gaskell, 2003).

A entrevista aberta é um relevante instrumento para coleta de dados. Permite, por meio da fala, a revelação de condições estruturais, sistemas de ideias, valores, crenças, modo de pensar e opiniões. Manifesta representações de grupos determinados quanto às suas condições socioeconômicas, históricas e culturais específicas (Minayo, 1992).

As entrevistas foram previamente agendadas via Whatsapp® (version 2.23.21.12) com a diretora do CEI e efetuadas na própria instituição, pela pesquisadora, em dias e horários condizentes com os horários disponíveis das professoras. Não houve recusas. As entrevistas foram realizadas, gravadas e transcritas pela própria pesquisadora, o que favoreceu a apropriação e compreensão dos dados.

As professoras foram entrevistadas no período de abril a maio de 2023, nas dependências do CEI. Importante ressaltar os cuidados tomados durante as entrevistas. Antes do início de cada gravação, houve um momento de conversa informal entre a pesquisadora e a professora a ser entrevistada, para esclarecimentos e partilha de informações sobre a pesquisa. O envolvimento entre entrevistado e entrevistador é um fator positivo para aprofundar o relacionamento intersubjetivo e não um risco que compromete a objetividade (Minayo, 1992).

Em seguida, cada professora, que livremente concordou em participar da pesquisa, assinou o TCLE e recebeu uma cópia do documento, o qual ficou disponível para consulta em caso de dúvidas e para eventual contato com a pesquisadora. Cabe informar que todas as professoras concordaram em participar do estudo. As entrevistas foram iniciadas e gravadas após a realização do diálogo inicial, esclarecimentos de dúvidas e assinatura do TCLE.

**Roteiro da entrevista****Quadro 1:** Questões norteadoras da entrevista

1 – Como você percebe as atividades extensionistas que acontecem aqui no Centro de Educação Infantil?
2 – Qual a sua visão sobre o papel das atividades extensionistas para as escolas que as recebem?
3 – Como percebe as atividades extensionistas para as crianças que dela participam?
4 - Considerando a sua vivência nas atividades extensionistas, enxerga limitações, desafios e potencialidades que podem ser aprimoradas?

Fonte: Autores.

As entrevistas foram transcritas pela pesquisadora principal, com o auxílio do software Microsoft Word. Posteriormente, todas as transcrições foram conferidas por duas integrantes da pesquisa, por meio de audições e leituras simultâneas das entrevistas. Em um terceiro momento, a pesquisadora principal ouviu e conferiu novamente somente as poucas entrevistas que tiveram pequenas divergências apontadas pela equipe de apoio, como erros de digitação e tempos verbais. Após este refinamento final, todas as gravações foram eliminadas. Para preservar o sigilo da identificação dos participantes, as profissionais foram codificadas de maneira alfanumérica, e as entrevistas foram codificadas com a letra ‘E’ (E1 a E14). Assim, E1 representa a primeira entrevista.

A análise dos dados iniciou-se por meio da audição e leitura simultânea das transcrições das entrevistas. Esta fase de pré-análise foi relevante para a familiarização inicial do conteúdo do corpus da pesquisa e para a definição das categorias de análises.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como já mencionado, este manuscrito objetiva descrever as visões e percepções de professoras sobre fortalezas e potencialidades das atividades extensionistas que vivenciam no CEI, buscando-se a compreensão da realidade e do papel destas ações.

O envolvimento e a comunicação adequada foram reconhecidos como estruturantes para o aprendizado e apropriação de conhecimentos.

*“(...) é pequeno, mas entende o que a gente fala. Então, a gente vai projetando essa informação na mente deles, eles vão gravando”. (E2)*

*“As crianças, que são bem pequenas, a gente tem que falar de uma maneira totalmente lúdica, totalmente”. (E4)*

*“(...) nós temos que ver isso também, qual que é a idade da criança, o público-alvo que vai atingir. O que que eu vou fazer de maneira lúdica no tempo dele para atingir ele”. (E4)*

*“(...) a gente percebe assim que não é pela pouca idade que eles não entendem. O recado é passado e as crianças assimilam isso, com interesse. Eu acho bastante proveitoso o trabalho de vocês”. (E14)*

Este resultado remete à reflexão sobre como conteúdos adequados, abordagem e linguagem

compreensíveis são fundamentais para a apropriação de conhecimentos pelas crianças nas AE. Mudanças de comportamentos, adoção de novos hábitos e melhorias da qualidade de vida são possíveis consequências destas práticas.

Há a necessidade de que a linguagem adotada seja compatível com o grau de aprendizado e entendimento de cada público-alvo. A apropriação de conhecimentos é facilitada quando frases extremamente elaboradas e termos técnico-científicos são substituídos por uma linguagem popular, de fácil compreensão. A adaptação do vocabulário e da linguagem é essencial e necessária para o trabalho com os mais variados públicos-alvo, especialmente o público infantil (Rodrigues-Junior et al., 2017). Nesse sentido, os discentes também são beneficiados pelas AE, porque adquirem a habilidade de adaptar a linguagem e a capacidade de trabalhar em equipe (Rios; Sousa; Caputo, 2019).

A partir disso, entende-se que o conhecimento do perfil da população pode somar ao desenvolvimento de uma linguagem adaptada e acessível, capaz de provocar e atrair a atenção das crianças, levando-as a atuarem como propagadoras de informações, uma vez que o conteúdo apresentado é assimilado. Esse aspecto reforça a possibilidade de que uma abordagem facilmente compreendida pode provocar a apropriação de conhecimentos, levando à adoção e mudança de hábitos, não só pelas crianças, mas também pelo seu eixo familiar.

A relevância do planejamento de AE condizente com o perfil e as características da população-alvo contribui para o desenvolvimento de atividades que atendam às demandas e realidades sociais. Isso permite notar que a integração e o planejamento conjunto dessas ações proporcionam respostas positivas às necessidades do público-alvo.

Idealmente, cada ação extensionista deveria ser precedida por um planejamento detalhado, embasado nas intencionalidades de cada ação, na faixa etária das crianças, em seu desenvolvimento cognitivo e no tempo de concentração. O planejamento conjunto, envolvendo atores tanto da IES quanto da escola onde as ações são realizadas, potencializa o alcance desses objetivos e favorece avanços na efetividade das AE.

Neste contexto, o sucesso das atividades decorre da análise das especificidades da população-alvo, a fim de adaptar o método de abordagem (Saraiva et al., 2019). Torna-se claro, portanto, a necessidade de conhecer o perfil do público-alvo, para que o planejamento das AE ocorra sempre com base nas características e demandas de cada população.

A complementaridade das ações extensionistas em relação aos conteúdos já trabalhados pelo CEI foi reconhecida como agregadoras de valor.

*“Sempre traz algo pra somar com relação aquilo que a gente tá trabalhando”. (E3)*

*“(...) é uma coisa complementar [as atividades extensionistas]. Então é muito bom. A gente vê resultado”. (E1)*

*“(...) elas [as atividades extensionistas] casam-se com a nossa rotina diária, que é de higienização, alimentação saudável, estimular eles a comer verduras, frutas”. (E7)*

Este achado reforça a necessidade de as AE atenderem as demandas dos locais onde as ações são realizadas. As IES, ao oferecerem “pacotes prontos”, com intencionalidades unilaterais, sem escuta, conhecimento da realidade e planejamento conjunto, comprometem a efetividade e a resolutividade das ações.

Deve-se considerar que as ações de educação em saúde realizadas no ambiente escolar tendem a

ser mais efetivas, pois trata-se de um local onde se preconiza o ensino e a aprendizagem a um público predisposto à apropriação de novos hábitos e aprendizados (Kuehnel; Droždek; Wenzel, 2019).

Assim, a escola é um local estratégico para estimular e desenvolver comportamentos, habilidades e estilos de vida saudáveis (Nery; Jordão; Freire, 2019). O desenvolvimento de práticas educativas é relevante para o despertar e apropriação de novos hábitos, bem como o entendimento e possíveis modificações daqueles não saudáveis (Balduino; Veras, 2016; Essvein et al., 2019).

Para os estudantes membros do projeto de extensão, essas experiências extramuros possibilitam o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes que ampliam e complementam os aprendizados intramuros, tais como a escuta ativa, a adaptação da linguagem, o atendimento humanizado, a tomada de decisões, a responsabilidade, o planejamento e a organização. Os projetos de extensão universitária possibilitam vivenciar o trabalho em equipe, associando os conhecimentos teóricos à prática no trabalho conjunto com a comunidade em que a IES está inserida, o que contribui para as ações de cidadania (Musselin et al., 2020). O ensinar e o aprender, de forma ampliada e contextualizada, permeiam e integram as ações extensionistas.

Chamou a atenção a integração e incorporação dos temas trabalhados nas AE no cotidiano das crianças.

*“E com a ajuda de vocês, nós conseguimos acrescentar isso também até nos nossos planos de aula”. (E4)*

*(...) se a gente tivesse um ano inteiro ou 2 vezes por mês, que venham e façam alguma atividade ou alguma coisa só para mostrar para eles [as crianças], já é um grande avanço. Já é uma coisa dizendo assim que eles se sintam importantes. (E5)*

*“Nós pegamos tudo o que vocês trazem e colocamos numa maneira intencional, na forma, na hora de dar o banho, tanto na nossa sequência didática, também”. (E4)*

A continuidade das abordagens dos temas trabalhados nas ações extensionistas, no dia a dia do CEI, contribui para a sua fixação e abre a possibilidade de inserção de novos enfoques. Trata-se, sem dúvidas, de um trabalho sinérgico para o ensino-aprendizagem das crianças, com objetivo final de favorecer a apropriação de hábitos e atitudes saudáveis.

O conhecimento da realidade do CEI e os temas que estão sendo trabalhados com as crianças contribuem para a elaboração de atividades personalizadas, que atendem às demandas e colaboram para o aprendizado desse público. É por meio dessa troca de experiências, conhecimentos e culturas que as crianças poderão se beneficiar e, gradativamente, apropriarem-se de conhecimentos e práticas de autocuidado. O entendimento e a análise do público-alvo das ações de educação em saúde requerem a compreensão de sua cultura, preferências e necessidades, o que capta a atenção e a fortalece o vínculo com comunidade em que está inserido (Antonelli et al., 2023).

Outro aspecto a ser considerado é o fato que o processo ensino-aprendizagem deve ser ativo entre todos os envolvidos. Há a necessidade de se analisar a escola como um ambiente qualificado para o desenvolvimento de ações interdisciplinares. Nelas, os diversos atores, incluindo alunos e suas famílias, professores e diretores, deverão ser coparticipantes da formação conjunta dos conhecimentos (Pintor; Llerena; Costa, 2012). As AE contribuem para a união entre a universidade e a comunidade, por meio da partilha de saberes entre profissionais da saúde e da educação, buscando promover o desenvolvimento infantil (Costa et al., 2019).

Nesse contexto, as AE foram reconhecidas por somarem para a construção e compartilhamento de saberes.

*“Eu acho que é bom quando vocês explicam o que é higiene bucal saudável, como que faz a comida que come, e a higienização, eu acho legal”. (E2)*

*“Tudo que você passa eles absorvem, igual esponjinha. (...) Isso muda o dia deles (...) e reforça mesmo aquilo que é bom, que é bom para a saúde, que é bom pra eles”. (E13)*

*“(...) às vezes a criança só tem esse cuidado que ela recebe aqui na escola, então quando vem pessoas de fora explicar e falar da área é muito importante pra gente”. (E10)*

Destacou-se o fato de que a escola, em algumas situações, foi reconhecida como o único local que oferecerá às crianças os ensinamentos e orientações necessários para conscientizá-las sobre saúde e autocuidado. Por se tratar de um local voltado ao ensino e formação educacional, há o desafio de inclusão de conteúdos que possam somar para o autocuidado, conteúdos estes que idealmente deveriam ser experienciados nos núcleos familiares.

Deve-se estimular as crianças a apropriarem-se de conhecimentos e boas práticas de saúde e, gradativamente, tornarem-se instrumentos multiplicadores em seus núcleos familiares. Neste sentido, são necessárias reflexões e escolhas em relação a melhores formas de abordagens e compartilhamentos de informações com as crianças, pois o conteúdo, uma vez tendo feito sentido, assimilado e registrado na memória da criança, pode, a longo prazo, torná-la um exemplo e modelo a ser seguido em seu eixo familiar.

Por outro lado, a escola é uma extensão da família, principalmente no âmbito da educação infantil, e as crianças tendem a repetir hábitos e aprendizados que observam em casa, que nem sempre são os desejáveis para a manutenção da saúde. Este fato ratifica a necessidade e, ao mesmo tempo, o desafio de os CEIs ensinarem, despertarem e motivarem a adoção de hábitos saudáveis. Projetos de extensão agregam valor para o alcance destes objetivos, desde que sejam alinhados às demandas da população alvo.

Entende-se, portanto, a importância de incentivar a higiene escolar, desde ensinar as crianças a lavar as mãos e escovar os dentes até explicar a relevância de lavar os alimentos antes de comer, provocando, assim, a adoção de melhores hábitos (Ramos et al., 2020). A promoção de saúde nas escolas busca melhorar a condição de saúde e bem-estar social da comunidade escolar atendida, provocando a reflexão crítica acerca do autocuidado e cuidado coletivo (Martins et al., 2020).

Para as professoras entrevistadas, as ações extensionistas despertam curiosidade nas crianças e favorecem o ensino-aprendizagem. A curiosidade contribui para o protagonismo e a busca ativa de conhecimentos, colaborando para o aprendizado e desenvolvimento de habilidades.

*“(...) se na escola mostrou a curiosidade, aguçou a curiosidade na criança, com certeza vai chegar em casa e vai passar para a família a visão deles, então isso é bastante positivo”. (E14)*

*(...) as crianças falam depois, elas comentam (...) fica na mente deles, a criança, ela é muito mais visual do que auditiva, né? Então, quando elas veem toda aquela movimentação, toda a ilustração, tudo que está sendo vivenciado ali pelos alunos, a apresentação dos alunos de odontologia, então isso daí vai ficar para sempre no subconsciente das crianças. (E14)*



*“(...) as crianças são muito inteligentes, elas ensinam isso até para casa. Elas vão levar esse aprendizado para casa. Então, aqui, vocês tão atingindo as crianças e posteriormente a família delas”. (E4)*

A curiosidade é um aspecto inerente ao ser humano e indispensável para a construção do conhecimento (Lira; Silva, 2019). A motivação também contribui para o processo de construção do conhecimento, pois potencializa a aprendizagem e o desempenho escolar, além de impactar positivamente no desenvolvimento de habilidades, estratégias e comportamentos. Influencia o quê, quando e como se dá o aprendizado em todas as fases do desenvolvimento humano (Camargo; Camargo; Souza, 2019).

A criatividade, a curiosidade e a postura ativa são aspectos que favorecem a formação dos estudantes, contribuindo para o processo ensino-aprendizagem ativo. O aprender a aprender é um caminho ao aprendizado ativo, e a curiosidade atua como uma peça-chave para o aprendizado (Codato; Garanhani; González, 2017). Além disso, as ações lúdicas realizadas nos projetos de extensão são efetivas com crianças, estimulam descobertas, imaginação e curiosidade das crianças. A forma e o método de abordagem de cada tema são fundamentais para o alcance dos objetivos (Whaley; Wong, 2005).

A curiosidade da criança também colabora para o planejamento das práticas educativas. O trabalho docente na educação infantil deve não apenas orientar a criança, mas também motivá-la, conscientizá-la e despertar o seu interesse, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem (Rabelo; Matos; Paiva, 2021).

Ainda que não exista uma reflexão profunda por parte da sociedade sobre o quanto a curiosidade é indispensável para as crianças, elas manifestam frequentemente a exploram e a questionam (Souza; Donadel; Kunz, 2017). Por outro lado, os alunos exercitam a curiosidade, desenvolvem autonomia, capacidade de pesquisar e realizam investigações próprias quando têm acesso a recursos tecnológicos, os quais trazem informações que podem estimular a criatividade, a análise crítica e a imaginação (Silva; Magalhães, 2020).

Nesse contexto, o desenvolvimento tecnológico e digital são potencialidades para estimular a curiosidade e novos aprendizados. A globalização aliada a avanços e facilidades de acesso às tecnologias de informações e comunicações favorecem a busca ativa de conhecimentos.

Sabe-se que as tecnologias de informação e comunicação agregam valor ao ensino-aprendizagem e à disseminação da informação, porém dependem não só da qualidade e confiabilidade das redes consultadas como também da maturidade e capacidade de análise de cada indivíduo. Por outro lado, as AE presenciais, por meio da interação “face a face” em espaço único, favorecem o diálogo entre todas as pessoas envolvidas e, com isso, podem auxiliar o despertar, o indagar e o aprofundar sobre as questões trabalhadas. Além disso, a espontaneidade e o processo ativo da comunicação estabelecida podem levar à inclusão de novos temas e conhecimentos, a partir das perguntas e reações de todos os envolvidos.

A experiência em espaços extramuros também favorece o aprendizado ativo e contextualizado. São cenários que auxiliam o pensar e o fazer em tempo real, em consonância com a realidade apresentada. Essas potencialidades são sinérgicas aos pressupostos das Diretrizes Curriculares Nacionais de Odontologia (DCNO), atualizadas em 2021, as quais enfatizam a necessidade de formar profissionais humanísticos, aptos a atuar em equipe, proativos, comunicativos, críticos, reflexivos, conscientes e capazes de pautarem o pensamento crítico na ética e ciência, possibilitando, assim, uma escuta qualificada à população (Brasil, 2021).

A convivência entre os integrantes do projeto de extensão e as pessoas que estão no CEI foram percebidas como uma possibilidade aberta para o ensinar e o aprender entre os envolvidos.

*“(...) importante fazer essa troca para que vocês conheçam outra realidade e as crianças aqui conheçam a realidade de vocês também. Têm acesso a outros tipos de informação, além do que a gente passa para eles”. (E7)*

*“(...) às vezes [o aluno do projeto] não tem a aptidão de falar na frente do público (...), mas é por causa do perfil, né? Tem meninas que não tem [aptidão], e nem é obrigação delas também”. (E7)*

*“(...) fazem vocês saírem um pouco do olhar que vocês têm lá na faculdade, algo diferente, um olhar que vocês têm que ter voltado também para próximo, para atender criança”. (E7)*

As vivências e as interações que espontaneamente acontecem, possibilitam a troca de conhecimentos e experiências. Essa partilha de saberes, valores e culturas, advinda do processo ensino-aprendizagem, pode levar os estudantes à reflexão e torná-los sujeitos mais conscientes e empáticos. Dessa forma, vivenciar um projeto de extensão traz benefícios para além do cumprimento de uma demanda educacional.

Desse modo, as atividades intramuros das universidades possuem objetivos pedagógicos claros e relevantes, voltados à apropriação de conhecimentos inerentes aos programas de aprendizagem de cada módulo e/ou disciplinas. São ações sistematizadas, com objetivos de aprendizagens específicos e direcionados. Por outro lado, as AE extramuros permitem a aplicação, ampliação e junção de saberes, a partir das singularidades e intencionalidades de cada ação, oriundos de diferentes áreas do conhecimento e adquiridos ao longo da existência.

O conhecimento e a vivência em diferentes contextos e realidades sociais, para além das atividades intramuros da Universidade, são potencializadores para o desenvolvimento de consciência e a criação de empatia. Também agregam valor para o alcance de ensino-aprendizagem ativo, dinâmico e diligente.

Esse achado leva à reflexão sobre como ações em ambientes extramuros podem favorecer o desenvolvimento de competências como comunicação, escuta qualificada, liderança e empatia, desde que os envolvidos tenham abertura e vontade para aproveitarem as potencialidades destes momentos. São possibilidades para o alcance de avanços na humanização do cuidado da população e estreitamento do laço entre as IES e a comunidade.

As AE permitem a imersão e apropriação da realidade. Nelas, são estabelecidas relações nas quais os estudantes são corresponsáveis nas ações (Ferraresso; Codato, 2021a). Essa participação ativa possibilita o desenvolvimento da reflexão e da autonomia, qualidades importantes para o futuro exercício profissional. Vale ressaltar que as DCNO apontam para a necessidade de desenvolvimento de competências relacionadas à tomada de decisões, comunicação e liderança (Brasil, 2021).

## CONCLUSÕES

As AE foram reconhecidas como instrumentos sinérgicos aos conteúdos já trabalhados pelo CEI e meios para apropriação de outros. Também foram percebidas como potencializadoras para a formação ampliada dos estudantes de graduação. O ensinar e o aprender foi percebido como com-

ponente comum entre os envolvidos nas ações extensionistas, independentemente do papel que cada um ocupa.

A possibilidade de ampliação dos benefícios das atividades extensionistas, para além dos envolvidos presencialmente em cada ação, é algo a ser valorizado e considerado no planejamento e intencionalidades da extensão universitária. Estimular as crianças a se tornarem agentes disseminadores de informações e modelos de adoção de boas práticas em saúde em seus núcleos familiares é desafiador e, ao mesmo tempo, motivador quando se almeja somar para avanços na promoção de saúde e qualidade de vida da população.

Portanto, o conhecimento e desenvolvimento de AE que contemplem as características e necessidades de cada público-alvo são pilares para a efetividade das ações. A comunicação adequada e o planejamento conjunto entre os envolvidos potencializam o alcance dos objetivos das ações extensionistas e despertam para novas demandas. Nesses processos, a convivência e o fortalecimento do vínculo entre os envolvidos são fundamentais e indispensáveis.

Este estudo apresenta limitações porque reflete a realidade de um único espaço, por isso não permite generalizações. No entanto, algumas percepções relatadas pelas entrevistadas trazem aspectos que podem somar e contribuir para entendimentos do todo. Vale ressaltar a necessidade de realização de novos estudos que ampliem a compreensão da realidade das ações extensionistas.

Sugere-se, portanto, a realização de novas pesquisas frente à potencialidade da promoção de saúde por meio da educação em saúde no ambiente escolar, bem como de novos estudos relacionados à contribuição da práxis para os discentes participantes da execução dessas atividades. Abre-se espaço à possibilidade de elaboração de estudos quantitativos que colaborem para maior entendimento desta realidade.

## REFERÊNCIAS

- AANTONELLI, B. C. et al. Programas de educação em saúde em escolas para adolescentes: revisão integrativa da literatura. **Distúrbios Da Comunicação**, v. 35, n. 1, p. e57887–e57887, 1 jun. 2023. DOI: 10.23925/2176-2724.2023v35i1e57887. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/57887>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- BALDOINO, A. S.; VERAS, R. M. Análise das atividades de integração ensino-serviço desenvolvidas nos cursos de saúde da Universidade Federal da Bahia. **Rev Esc Enferm USP**, v. 50, p. 17–24, 1 jun. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/R4wBWdzTDjV3dPgM4RsHTpP/?lang=pt>. Acesso em: 8 jan. 2024.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/PBfKgzQK7gXPYd7PRKkVX3N/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES de mar. 2021 [Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia e dá outras providências]**. Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2021, Seção 1, pp. 76 a 78. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/junho-2021-pdf/191741-rces003-21/file>. Acesso em: 27 dez. 2023.
- CAMARGO, C. A. C. M.; CAMARGO, M. A. F.; SOUZA, V. O. importância da motivação no processo ensino-aprendizagem. **Revista Thema**, v. 16, n. 3, p. 598, 31 out. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1284>. Acesso em: 23 fev. 2024.
- CODATO, L. A. B.; GARANHANI, M. L.; GONZÁLEZ, A. D. Percepções de profissionais sobre o aprendizado de estudantes de graduação na Atenção Básica. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 27, n. 3, p. 605–619, jul. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/FGxWjRjdpKpCDJPVKhyQGhF/?lang=pt>. Acesso em: 7 fev. 2024.
- COSTA, P. et al. Ações de extensão universitária para translação do conhecimento sobre desenvolvimento infantil em creches: relato de experiência. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 53, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/jxdPHtGhD5CtSQ3SxnKpfct>. Acesso em: 7 fev. 2024.
- DOS SANTOS, M. P. Contributos da extensão universitária brasileira à formação acadêmica docente e discente no século XXI: um debate necessário. **Revista Conexão UEPG**, v. 6, n. 1, p. 10-15, 2012. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/3731>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- ESSVEIN, G. et al. Atendimento odontológico na primeira infância no Brasil: da política pública à evidência. **Revista Saúde Pública**, v.53, n.15, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/MjgmvNh386g5Pkvr-bqLF4Fz/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- FERRARESSO, L. F. O. T.; CODATO, L. A. B. Aprendizados e reflexões advindos de atividade extensionista de educação em saúde em centros de educação infantil. **Revista Ciência Plural**, v. 7, n. 2, p. 132–148, 8 de maio de 2021a. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/22312>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- FERRARESSO, L. F. O. T.; CODATO, L. A. B. Ações extensionistas, na área da saúde, de forma remota: relato de experiência. **Revista Conexão UEPG**, v. 17, p. 1-12, 2021b. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/18377>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Gráfica da UFRGS. Porto Alegre, RS, Coleção Extensão Universitária; 2012. Disponível em: [https://proexc.ufu.br/sites/proexc.ufu.br/files/media/document/Politica\\_Nacional\\_de\\_Extensao\\_Universitaria\\_-FORPROEX-\\_2012.pdf](https://proexc.ufu.br/sites/proexc.ufu.br/files/media/document/Politica_Nacional_de_Extensao_Universitaria_-FORPROEX-_2012.pdf). Acesso em: 12 mar. 2024.
- FORTE, F. D. S. et al. Integração ensino-serviço-comunidade em Odontologia: um estudo cultural. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 24, 28 set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/Grh7s->

69VtRdNsrzdfdQT8WF/?lang=pt. Acesso em: 15 jul. 2023.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2003. Disponível em: [http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2007/T1-1SF/Canrobert/Medologias\\_Qualitativas.pdf](http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2007/T1-1SF/Canrobert/Medologias_Qualitativas.pdf). Acesso em: 15 jul. 2023.

KUEHNEL, M.; DROŽDEK, B.; WENZEL, T. Medical aspects of health care: reflections from the field experience in European countries and an overview of the basic health needs. **In: An Uncertain Safety**. Springer, Cham, 2019. p. 387-418. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/326527581\\_Medical\\_Aspects\\_of\\_Health\\_Care\\_Reflections\\_from\\_the\\_Field\\_Experience\\_in\\_European\\_Countries\\_and\\_an\\_Overview\\_of\\_the\\_Basic\\_Health\\_Needs\\_Integrative\\_Health\\_Care\\_for\\_the\\_21st\\_Century\\_Refugees](https://www.researchgate.net/publication/326527581_Medical_Aspects_of_Health_Care_Reflections_from_the_Field_Experience_in_European_Countries_and_an_Overview_of_the_Basic_Health_Needs_Integrative_Health_Care_for_the_21st_Century_Refugees). Acesso em: 12 jan. 2024.

LIRA, K. R.; SILVA, T. A. L. **A curiosidade epistemológica no processo de ensino e aprendizagem de licenciandos (as) em ciências naturais**. 2019. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Naturais) - Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2019. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/26808/1/2019\\_KelvisRiosLira\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/26808/1/2019_KelvisRiosLira_tcc.pdf). Acesso em: 15 jul. 2023.

MARTINS, G. S. et al. Programa saúde na escola: ação educativa promovendo a cultura preventiva no ambiente escolar: relato de experiência. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 10, p. e4686, 23 out. 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4686>. Acesso em: 12 mar. 2023.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1992. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/FgpDFKSpjsyVGMj4QK6Ssv/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

MUSSELIN, L. et al. Ação extensionista de cuidado à saúde: a influência na formação profissional de estudantes diplomados. **Revista Estudo & Debate**, v. 27, n. 2, 7 jul. 2020. Disponível em: <https://www.univates.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/view/2343/1641>. Acesso em: 10 mar. 2023.

NERY, N. G., JORDÃO, L. M., FREIRE, M. C. Ambiente escolar e promoção de saúde bucal: a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Rev Saúde Pública**, v. 53, n. 93, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/zZztnrGYG3hq69T37KwJJGt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2023.

PINTOR, N. A. M.; LLERENA JR., J. C.; COSTA, V. A. Educação e saúde: um diálogo necessário às políticas de atenção integral para as pessoas com deficiência. **Revista Educação Especial**, v. 25, n. 43, p. 203–216, 27 ago. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4935>. Acesso em: 8 fev. 2024.

RABELO, J. S.; MATOS, R. G. S.; PAIVA, I. C. Saberes e práticas sobre a dimensão corporal na relação educativa com crianças. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5985>. Acesso em: 8 fev. 2024.

RAMOS, L. S. et al. Instruções de higiene na escola e na sociedade como ação de saúde e prevenção de doenças: uma revisão bibliográfica. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 10, p. e4558, 23 out. 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4558>. Acesso em: 10 mar. 2023.

RIOS, D. R. DA S.; SOUSA, D. A. B. DE; CAPUTO, M. C. Diálogos interprofissionais e interdisciplinares na prática extensionista: o caminho para a inserção do conceito ampliado de saúde na formação acadêmica. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/Y5J-FvLzLD3H8sWGLHgc9ZJz/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

RODRIGUES JUNIOR, J. C. et al. Development of an educational video for the promotion of eye health in school children. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 26, n. 2, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/ZzNCSYS5HXbLPMrFRPYTyRK/?lang=en>. Acesso em: 27 dez. 2023.

SANTANA, R. R. et al. Extensão Universitária como Prática Educativa na Promoção da Saúde. **Educação & Realidade**, v. 46, 9 jun. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/qX3KBjgthJpHqRdZz-G4b8XB/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

SARAIWA, A. C. A. et al. Experiência extensionista no desenvolvimento de metodologias em educação em saúde junto a cuidadoras de pessoa com deficiência. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 10, n. 3, p. 101-107, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/10550>. Acesso em: 10 mar. 2023.

SILVEIRA, J. L. G. C. DA et al. Percepções da integração ensino-serviço-comunidade: contribuições para a formação e o cuidado integral em saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 24, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/j9Mjwxnhsp8wnGsFbjtKGDC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 8 fev. 2024.

WHALEY, L.F.; WONG, D.L. **Enfermagem pediátrica – elementos essenciais à intervenção efetiva**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-774102>. Acesso em: 10 mar. 2023.